

Redes Sociais na Era da Mobilidade: Mudanças a Partir da Internet Ubíqua e da Portabilidade dos Dispositivos de Acesso¹

Andressa FANTONI²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão sobre as novas características das redes sociais no ciberespaço, considerando o contexto da internet ubíqua e da mobilidade dos dispositivos de acesso. Inicialmente, o telefone celular provocou o surgimento de formações sociais e rituais de interação particulares à mediação deste aparelho. Em seguida, os *tablets* e *smartphones* introduziram o estado de conexão e disponibilidade constantes, além da navegação através de aplicativos. A evolução dos dispositivos móveis trouxe novas possibilidades de formar redes sociais na internet. Assim, propõe-se a possibilidade de considerar novas formas de capital social específicas às redes sociais em mobilidade.

Palavras-chave: comunicação; mobilidade; redes sociais; capital social; cibercultura.

Introdução

Dentre as diversas mudanças provocadas pela evolução das tecnologias de comunicação e informação, o surgimento de novas formas de sociabilidade mediadas pelo ciberespaço é um de seus expoentes, interferindo sensivelmente nas relações humanas. A qualidade ubíqua da internet e a portabilidade dos *smartphones* e *tablets* nos permitem estar constantemente disponíveis para a comunicação via voz, texto e/ou imagem e, além disso, produzir e consumir informação em qualquer momento.

Ao mesmo tempo, proliferam as redes sociais que suportam as interações entre os sujeitos conectados. De modo geral, pode-se afirmar que estar presente e ser ativo nessas plataformas é cada vez mais habitual, na medida em que elas são progressivamente apropriadas para o uso cotidiano, tanto em situações de lazer e trivialidade como para fins políticos, colaborativos e educativos, entre outros. Abster-se desses ambientes pode

¹ Trabalho apresentado no GP Cibercultura do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista Capes. E-mail: fantoniandressa@gmail.com

provocar o deslocamento ou exclusão em relação a dinâmicas comunicacionais que ocorrem – senão totalmente, em grande parte – nesses espaços.

A mobilidade é fator fundamental à subsistência dessas redes, cujo acesso não mais depende de uma conexão fixa à internet. Além do caráter móvel da rede, o surgimento de *tablets* e *smartphones* também tem fundamental importância, visto que proporcionam uma navegação rápida e fluida a partir de conexões *Wi-Fi* e 3G, possuem interfaces adequadas a telas menores e funcionam com comandos a partir do toque dos dedos ou da voz. Normalmente, a interação com esse tipo de dispositivo é intuitiva e seu manejo correto é facilmente assimilado. Tais características são essenciais à popularização desses aparelhos e à constante incorporação de novas práticas ao cotidiano através deles operadas.

O lançamento do primeiro iPhone, em 2007, foi decisivo para a consolidação do conceito de *smartphone*, uma vez que apresentou os aplicativos como uma nova forma de acesso à internet móvel, alternativa aos *browsers* que, em geral, oferecem uma navegação mais lenta e truncada. Com o passar do tempo, os *apps*³ tornaram-se a principal ferramenta de conexão à rede em dispositivos móveis.

Como consequência da crescente solidez do novo modelo de acesso à internet móvel, teve início o desenvolvimento de *sites* de redes sociais projetados para execução apenas – ou, ao menos, primariamente – em aplicativos, aproveitando, precisamente, as funções que se agregam no dispositivo móvel. Assim, considerando que a mobilidade provoca mudanças na relação entre os atores de uma determinada rede social, compreende-se que o capital social proveniente dessas trocas também influencia a estrutura da rede a partir da emergência de valores específicos. O presente artigo objetiva trazer considerações sobre as mudanças resultantes do desenvolvimento da internet móvel no que diz respeito à reconfiguração dos espaços físicos, evolução dos dispositivos de acesso e transformações das relações sociais. Pretende-se, especialmente, apresentar algumas definições de capital social e refletir sobre a adaptação desse conceito às redes sociais na era da mobilidade.

Espaços híbridos de conexão

As tecnologias digitais móveis e novas formas de conexão sem fio permitem a configuração de territórios com funções informacionais, onde a onipresença da cibercultura liberta o indivíduo da necessidade de se deslocar à rede que, agora, envolve usuários e

³ No presente trabalho, como sinônimo para “aplicativo”, utilizar-se-á também o termo *app*, forma abreviada de *application*.

objetos não mais através de cabos, mas sim dentro de uma área de cobertura. Assim, ampliam-se as possibilidades de consumo, produção e distribuição de informação: ações banais operadas com telefone celular, como o envio de SMS e a alimentação de redes sociais, revelam as novas relações possíveis a partir da mobilidade física e ubiquidade da rede, as quais seriam impraticáveis através da maioria dos meios de massa⁴. Com estes, apenas o consumo em mobilidade era realizável; a capacidade de produzir informação era rara e sua distribuição imediata impossível (LEMOS, 2005; 2009).

A mobilidade é intrínseca às características das cidades contemporâneas, que são reconfiguradas a partir da emergência de novas tecnologias de comunicação e das redes telemáticas. Modificam-se, assim, o espaço e as práticas sociais no que Lemos chama de cibercidades.

Lemos (2007) aponta que as cibercidades são ambientes generalizados de conexão e acesso pessoal e móvel à informação, os quais, graças ao desenvolvimento da computação móvel e das novas tecnologias sem fio, tornam possível a independência em relação ao acesso por ponto de presença (internet fixa por cabos). Constituem-se, assim, os territórios informacionais, zonas de intersecção entre o ciberespaço e o espaço urbano que configuram áreas de controle do fluxo informacional.

Pellanda (2005) afirma que, por muito tempo, foi necessário estar à frente do computador para interagir com outras pessoas no ambiente *online*. O meio de acesso fixo estabelecia fronteiras mais claras entre a vida “virtual” e a vida “real”, esta última, experimentada nos momentos de desconexão: na escola, em festas, no cinema, etc. Atualmente, porém, deparamo-nos com um ambiente de mídia *always on* que supera barreiras físicas e torna turva a separação entre real e virtual. A internet fixa, correlata a lugares de quatro paredes, dá lugar à mobilidade da rede e dos meios de acesso, que permitem que estejamos conectados também nas ruas, praças e assim por diante.

Para Souza e Silva (2006), os indivíduos que carregam dispositivos móveis não têm as sensações de “entrar na internet” e de imergir em espaços digitais, típicas da necessidade de outrora de sentar em frente ao computador e iniciar uma conexão. Afinal, com seus aparelhos móveis, estão sempre conectados. E, para tanto, não é necessário ao nó – isto é, a uma pessoa – compartilhar o mesmo espaço geográfico com outros nós da rede móvel.

Na visão de Pellanda (2005, p. 105), “com a comunicação *always on* e pervasiva não existem lugares em que não haja comunicação e a distância entre o público e privado

⁴ É preciso fazer exceção ao rádio, que permite imediatismo, ubiquidade e mobilidade em seus processos de emissão e recepção.

não é mais medida pelo tempo ou espaço”. Esse cenário contribui para que alguns anseios do ser humano sejam satisfeitos, a exemplo da onipresença, possível a partir da conexão simultânea a vários espaços com deslocamento físico mínimo. Nesse sentido, importa menos o lugar em que se está fisicamente do que a informação que se precisa trocar naquele instante.

Além disso, referido autor associa a condição *always on* ao desejo humano de estar conectado a outros seres sociais. Há que se considerar, inclusive, o *status* conferido pela posse de aparelhos celulares de última geração, que confirma o pertencimento a determinado grupo social com quem se quer estar conectado o tempo todo: “não estar conectado pode significar estar excluído, fora do círculo de conversa, de um modo ou de todo um estilo de vida” (PELLANDA, 2005, p. 89). Da mesma forma, Souza e Silva (2006) afirma que a interface estática da conexão através de dispositivos fixos torna a experiência de estar *online*, geralmente, solitária. Aparelhos móveis, por outro lado, permitem que estejamos conectados enquanto cercados por outros moradores da cidade.

Do celular ao *smartphone*: sempre conectado e sempre disponível

A capacidade computacional dos dispositivos móveis de comunicação permitiu novas formações sociais organizadas via telefone celular e SMS⁵. Rheingold (2002) chama de *smart mobs* as ações orquestradas coletivamente, em tempo real, por pessoas em diferentes lugares⁶. Antes do avanço das redes sociais na internet, o autor já reconhecia o poder de mudança social a partir de esforços operados através do celular, por pessoas fisicamente distantes e com o mesmo objetivo. Ainda que os impactos sociais promovidos pelo uso do telefone móvel não tenham sido observados sistematicamente desde seus estágios iniciais, da forma como acontece com a internet móvel, Rheingold (2002) destaca algumas observações acerca dessa influência nos âmbitos da personalidade individual, dos círculos sociais pequenos e imediatos e da sociedade como um todo, em que os usos particulares do celular intervêm nos valores e estruturas de poder de esferas maiores.

Rheingold (2002) observa que os telefones celulares competem com a atenção dedicada às pessoas que compartilham o mesmo espaço físico e furtam a ociosidade dos períodos de pausa que experimentamos no dia a dia. O telefone móvel passou a ser usado

⁵Short Message Service (mensagem de texto)

⁶Um dos exemplos de *smart mob* mencionados pelo autor ocorreu em janeiro de 2001, nas Filipinas. A mobilização foi convocada através da troca de SMS – na época, prática difundida no país –, reunindo mais um milhão de pessoas em Manila, para protestar contra o governo do presidente Joseph Estrada, que de fato foi afastado.

em espaços públicos, para o contato com pessoas ausentes daqueles locais, e tal disrupção da comunicação presencial é, desde então, motivo de críticas por aqueles que consideram um menosprezo das pessoas que estão fisicamente presentes.

Ling (2008) também acredita que a comunicação entre pessoas mediada pelo telefone celular pode ser observada no contexto dos rituais de interação. Para teóricos como Émile Durkheim (1995) e Ervin Goffman (1967), os ritos sustentam, fundamentalmente, a coesão social. Enquanto a tradição durkheimiana compreende os rituais como essencialmente vinculados a motivos religiosos, promovidos periodicamente e em larga escala, o pensamento goffmaniano reaplica a ideia de ritual às atividades do cotidiano: situações pequenas e incidentais interferem nas interações sociais. Entretanto, ambos os autores concordam que os ritos ocorrem, sobretudo, através de relações copresenciais.

Todavia, Ling (2008) não só admite a influência da comunicação móvel em situações de copresença, como reconhece a possibilidade de engendrar a coesão de grupos com o auxílio da comunicação móvel. O autor argumenta que, se por um lado, o uso do celular frequentemente provoca perturbação dos fluxos de interação e atenção no diálogo entre indivíduos fisicamente próximos, por outro lado, contribui para a coesão social – especialmente de grupos menores –, na medida em que a comunicação móvel é semelhante à interação de pequena escala da vida cotidiana:

nossa forma de saudar uns aos outros através do telefone, a maneira como contamos histórias, e a forma como usamos o telefone para organizar nossa rotina diária mostram que, em muitos aspectos, o ritual de interação pode ser realizado através de mídia interativa. Além disso, existem determinadas formas de interação e linguagem que parecem ocorrer apenas através do telefone móvel, que podem ser vistas como rituais de interação mediados (LING, 2008, p. 95)⁷.

O autor sustenta a possibilidade de, através do telefone móvel, reviver interações copresenciais anteriores e planejar novas. Assim, tal forma de comunicação pode possuir uma qualidade ritual em si mesma ou pode ser um prolongamento de outras situações prévias de copresença. Ling (2008) salienta as formas mais corriqueiras de interação ritual através do celular: flertes, fofocas, brincadeiras, demonstrações de afeto e até insultos. Em sua discussão, detém-se, entretanto, a ligações e envios de SMS; a conexão à internet não é explorada, pois tal forma de acesso ainda era pouco difundida: “apesar de toda a discussão

⁷ Tradução livre da autora para: “The way we greet one another over the phone, the way we relate stories, and the way we use the telephone to organize our daily life show that, in many respects, ritual interaction can be carried out via interactive media. Further, there are particular forms of interaction and parlance that seem to occur only via mobile phone that can be seen as mediated ritual interaction” (LING, 2008, p. 95).

sobre os novos serviços digitais e acesso à internet via dispositivos *wireless*, a interação de voz é a função principal do telefone celular” (LING, 2008, p. 15)⁸.

Contudo, a evolução do celular para *smartphone* aponta o fim do protagonismo da interação através da voz: a conexão com internet permite ao dispositivo combinar novas ferramentas de comunicação alternativas às ligações e mensagens de texto. Entende-se, assim, que os novos modos de interagir através do *smartphone*, seja em processos de comunicação um para um ou um para muitos, sugerem o nascimento de novos rituais de interação, característicos a esse tipo de aparelho e à internet móvel. Os aplicativos que suportam redes sociais e programas de mensagem instantânea, em um ambiente de conexão *always on* e pervasiva que permite o alcance imediato de nossos contatos, abrem caminho para novas formas de socialidade, cujos ritos provenientes podem, também, fomentar a coesão de grupos sociais.

Espera-se dos *smartphones* e *tablets* – dispositivos pós-PC, assim chamados por Baxter-Reynolds (2013) – que estejam sempre conectados e disponíveis para uso, pois necessitam de recargas menos frequentes se comparados a *notebooks* e computadores de mesa. Tipicamente, *smartphones* suportam um dia sem precisar de uma nova carga de energia, enquanto *tablets* resistem de três a quatro dias, e esse atributo é fundamental à noção de estar sempre disponível.

Igualmente, a disponibilidade constante está relacionada ao design dos *smartphones*: eles são concebidos no menor e mais leve formato possível, dentro dos limites das funções que desempenham; nas palavras de Baxter-Reynolds (2013), são ultraportáteis (enquanto os PCs são apenas adaptáveis e, os *tablets*, microportáteis). Ao mesmo tempo em que a maioria das pessoas carrega seu celular junto de si em qualquer situação, poucas fazem o mesmo com o computador pessoal:

esta habilidade de levar um *smartphone* onde quer que você vá deve-se, em grande medida, à posição sociológica dos telefones celulares que tem sido forjada ao longo das duas últimas décadas. Especificamente, todas as pessoas esperam que todas as outras tenham um telefone com elas o tempo todo (BAXTER-REYNOLDS, 2013, p. 20)⁹.

⁸ Tradução livre da autora para: “In spite of all the discussion regarding new digital services and internet access via wireless devices, voice interaction is the core function of the mobile phone” (LING, 2008, p. 15).

⁹ Tradução livre da autora para: “This ability to take a smartphone wherever you go is largely thanks to the sociological position of cellular phones that’s been carved out over the past two decades. Specifically, everyone expects everyone else to have a phone with them all of the time” (BAXTER-REYNOLDS, 2013, p. 20).

A partir da evolução do telefone celular para *smartphone*, pode-se constatar como o aperfeiçoamento dessa tecnologia é planejado para atender, sempre com mais eficiência, necessidades humanas. Por essa razão, são artefatos facilmente incorporados às capilaridades do cotidiano, com os quais criamos vínculos de pessoalidade e até mesmo dependência. Surgem novas práticas operadas através desses dispositivos, resultando em novos rituais de interação e formas de se comunicar que são, aos poucos, naturalizados. As redes sociais na internet também se modificam a partir da ubiquidade da conexão e da mobilidade dos meios de acesso, como será visto a seguir.

Redes sociais móveis

As redes sociais no ciberespaço sofrem mudanças a partir da influência da mobilidade. A qualidade ubíqua e pervasiva da internet e a portabilidade dos *smartphones* e *tablets* possibilitam a comunicação *always on*, sem restrição de tempo e espaço. Assim, o fim da necessidade de uma conexão fixa à rede permite não apenas uma nova apropriação dos suportes de redes sociais já consolidados na fase anterior, como também a criação de novas estruturas especialmente planejadas para funcionar em um contexto de mobilidade da rede, dos usuários e de seus dispositivos.

A comunicação via SMS, conforme observada por Rheingold (2002), é um exemplo elementar da possibilidade de formações sociais organizadas através de dispositivos móveis, por pessoas em diferentes lugares ou em situações de deslocamento. Atualmente, o acesso à internet móvel e o uso de *smartphones* e *tablets* potencializam as mudanças nas interações ocorridas no ciberespaço, afetando a composição e a dinâmica dessas redes sociais.

Esse movimento é influenciado pela indústria de aplicativos, que oferece *softwares* de redes sociais elaborados para serem utilizados especificamente no dispositivo móvel. Ou seja, ainda que alguns programas possam ser acessados via *web* (de modo limitado), seu uso só faz sentido no contexto *mobile*. Dessa forma, as redes sociais móveis são sensíveis à localização de seus atores, bem como a usabilidade dos *apps* que as suportam baseia-se na capacidade de operá-los em movimento, com o *smartphone* na palma da mão.

Redes sociais como Facebook e Twitter, inicialmente disponíveis apenas na versão *web*, recebem novas apropriações no aplicativo móvel, influenciadas pela possibilidade de acesso, interação e produção de conteúdo em qualquer lugar. Por outro lado, Foursquare,

Swarm¹⁰, Tindr e Happn¹¹ são alguns aplicativos populares que só têm utilidade se administrados em *smartphones* e *tablets*, pois se fundamentam na movimentação do usuário pela cidade e funcionam de acordo com a sua geolocalização.

Não é possível determinar uma tendência ao surgimento de laços mais fortes ou fracos em redes sociais móveis. Ainda assim, existem vantagens particulares a esse tipo de formação social. Os atores podem compartilhar informações relevantes a respeito da localização que habitam em determinado momento; podem identificar outras pessoas que estejam no mesmo lugar ou no seu entorno e, assim, iniciar conexões com novos contatos; podem, ainda, estreitar relações já estabelecidas, visto que a frequência de interação com outros atores aumenta na medida em que o uso dos dispositivos móveis – e acesso às redes sociais – é intensificado.

Assim, considerando que a mobilidade provoca mudanças na relação entre os atores de uma determinada rede social, compreende-se que o capital social proveniente dessas trocas também influencia a estrutura da rede a partir da emergência de valores específicos.

Capital social e redes sociais na era da mobilidade

Recuero (2009) afirma a importância do capital social em relação à qualidade das conexões de uma rede social na internet. Ela esclarece que o elemento é estudado por diversos autores como um indicativo da conexão entre pares de indivíduos em uma rede social; no entanto, a definição deste capital é variada e não há consenso entre os estudiosos. “O que se concorda é que o conceito refere-se a um valor constituído a partir das interações entre os atores sociais” (RECUERO, 2009, p. 45). A autora traz alguns dos conceitos mais utilizados de capital social e sua aplicação para a internet, os quais serão apontados também neste artigo.

Para Bourdieu (1986), a noção de capital é fundamental à estrutura e funcionamento do campo social, não apenas em termos financeiros. O autor explica que, além do capital econômico, o capital cultural e o capital social fazem parte da determinação de posições sociais. Nesse sentido, o capital social é o agregado de recursos reais ou potenciais

¹⁰ Foursquare é um aplicativo e rede social para dispositivos móveis baseado em geolocalização. Através dele, o usuário pode comunicar aos contatos o lugar em que está, verificar onde estão os amigos e observar as avaliações de outras pessoas a respeito dos estabelecimentos registrados no programa, funcionando como uma espécie de guia de serviços. Atualmente, o Foursquare transferiu algumas de suas funções para o Swarm, “aplicativo irmão”, sendo ambos complementares um do outro.

¹¹ Tinder (www.gotinder.com) e Happn (www.happn.com) são aplicativos de namoro baseados na geolocalização do usuário, pois sua função é identificar outros usuários nas redondezas.

relacionados à posse de uma rede durável de relações institucionalizadas de conhecimento e reconhecimento mútuos. A reprodução deste capital depende das contínuas trocas entre os membros de uma rede de conexões, e os lucros – ainda que não sejam conscientemente buscados assim – obtidos a partir da participação em um grupo são a base da solidariedade que os tornam possíveis.

A formação de uma rede de relações não ocorre naturalmente, mas é fruto de estratégias de investimento que visam criar ou reproduzir relações sociais úteis e duradouras, que tragam benefícios materiais ou simbólicos a determinado ator. Além disso,

cada grupo tem as suas formas mais ou menos institucionalizadas de delegação que lhe permitem concentrar a totalidade do capital social, que é a base da existência do grupo (uma família ou um nação, é claro, mas também uma associação ou um grupo), nas mãos de um único agente ou um pequeno grupo de agentes, e mandar este plenipotenciário [...] para representar o grupo, falar e agir em seu nome e, assim, com a ajuda deste capital de propriedade coletiva, exercer um incomensurável poder com a contribuição pessoal do agente (BOURDIEU, 1986)¹².

Coleman (1988) também considera o capital social um elemento presente nas relações entre as pessoas, constituindo um recurso disponível ao controle e interesse de atores em um sistema social. Como outras formas de capital, ele também é produtivo, pois permite atingir certos fins que não seriam alcançados em sua ausência.

O capital social é definido por sua função. Não é uma entidade única, mas uma variedade de diferentes entidades, com dois elementos em comum: todas elas consistem em algum aspecto das estruturas sociais e facilitam certas ações dos atores – sejam pessoas ou corporações – dentro da estrutura (COLEMAN, 1988, p. 98)¹³.

Assim, complementa o autor, a função identificada pelo conceito de capital social é o valor desses aspectos da estrutura social como recursos que podem ser utilizados pelos atores para atingir seus interesses.

Putnam (2000) também concebe o capital social como elemento que afeta a produtividade de indivíduos e grupos. Para o autor, o capital social se refere às conexões

¹² Tradução livre da autora para: “Every group has its more or less institutionalized forms of delegation which enable it to concentrate the totality of the social capital, which is the basis of the existence of the group (a family or a nation, of course, but also an association or a party), in the hands of a single agent or a small group of agents and to mandate this plenipotentiary [...] to represent the group, to speak and act in its name and so, with the aid of this collectively owned capital, to exercise a power incommensurate with the agent’s personal contribution.” (BOURDIEU, 1986).

¹³ Tradução livre da autora para: “Social capital is defined by its function. It is not a single entity but a variety of different entities, with two elements in common: they all consist of some aspect of social structures, and they facilitate certain actions of actors – whether persons or corporate actors – within the structure” (COLEMAN, 1988, p. 98).

entre indivíduos e as normas de reciprocidade e confiança que delas emergem. O conceito está diretamente atrelado à noção de “virtude cívica”, que é mais consistente quando incorporada a uma densa rede de relações sociais recíprocas: uma sociedade de vários indivíduos virtuosos, mas isolados, não é necessariamente rica em capital social.

Há aspectos individuais e coletivos no investimento sobre o capital social: parte do benefício de determinada ação é revertida a outros membros do grupo, enquanto outra parcela contribui para o interesse imediato do sujeito que iniciou o investimento. As relações sociais são sustentadas por regras de conduta que auxiliam a continuidade de ações recíprocas:

as redes envolvem (quase por definição) obrigações mútuas; elas não interessam apenas como ‘contatos’. Redes de engajamento em comunidade fomentam normas resistentes de reciprocidade: farei isso por você agora, na expectativa de que você (ou outra pessoa) retornará o favor (PUTNAM, 2000, p. 20)¹⁴.

Assim, uma sociedade caracterizada pela confiabilidade e reciprocidade generalizada é sempre mais eficiente, pois facilita a cooperação para o benefício mútuo de seus integrantes. Entretanto, o autor ressalta que as trocas colaborativas em uma determinada comunidade podem provocar efeitos externos negativos. Nesse caso, o capital social, como outras formas de capital, é utilizado para propósitos perversos e antissociais.

A partir das contribuições desses autores, Recuero (2009, p. 50, grifos no original) define que:

consideraremos o capital social como um *conjunto de recursos* de um determinado grupo (recursos variados e dependentes de sua função, como afirma Coleman) que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que apropriado individualmente, e que está baseado na reciprocidade (de acordo com Putnam).

Na visão da autora, para o estudo do capital social das redes sociais na internet, é necessário avaliar não apenas as relações estabelecidas nessas redes, mas também o conteúdo das mensagens trocadas através delas. A ideia é baseada no conceito de Coleman (1988) e outros autores e, para Recuero (2009), é a mais indicada para o estudo do capital social nas redes sociais, “isso porque ela trabalha o caráter estrutural do capital social, sua

¹⁴ Tradução livre da autora para: “Networks involve (almost by definition) mutual obligations: they are not interesting as mere ‘contacts’. Networks of community engagement foster sturdy norms of reciprocity: I’ll do this for you now, in the expectation that you (or perhaps someone else) will return the favor” (PUTNAM, 2000, p. 20)

capacidade de transformação de acordo com a função e sua base na reciprocidade, que consideraremos os elementos essenciais do conceito” (RECUERO, 2009, p. 50).

Recuero (2009) comenta que existem poucos estudos sobre a manifestação do capital social na internet. Um dos primeiros foi desenvolvido por Wellman e colaboradores, na década de 1990, concluindo que a internet poderia fortalecer e trazer novas formas de comunidades baseadas na localização geográfica e, assim, gerar capital social. Em 2002, mostraram que a comunicação mediada por computador altera significativamente o fluxo de capital social nos grupos envolvidos.

A mediação por computador, assim, seria uma via de construção do capital social, permitindo aos indivíduos acesso a outras redes e grupos. Ao associar-se a uma comunidade no Orkut, por exemplo, ou ao comentar em um novo *weblog* ou *photolog*, um indivíduo pode estar iniciando interações através das quais vai ter acesso a um tipo diferente de capital social, ou ainda, a redes diferentes (RECUERO, 2009, p. 52).

Na era da mobilidade, compreende-se que há formas de capital social particulares à qualidade móvel da rede e dos dispositivos de acesso, as quais podem atuar como motivadoras de conexões. Inicialmente, o fato de estar em determinado espaço físico e, ao mesmo tempo, conectado a uma rede de contatos, possibilita o compartilhamento de informações pertinentes a respeito do local em questão, que podem ser úteis para outras pessoas. Se, por exemplo, um indivíduo informar sua rede de que houve um acidente de trânsito no local de onde ele transmite a mensagem, seus contatos que planejavam passar por aquele caminho poderão evitá-lo. Esse tipo de auxílio fortalece a confiança entre os membros do grupo e incentiva a reciprocidade, pois outros poderão prestar o mesmo favor de comunicar uma informação importante relacionada a certo local quando tiverem oportunidade.

O capital social referente à mobilidade também se manifesta em redes sociais formadas exclusivamente para compartilhar dados sobre determinados lugares. Em 2015, por exemplo, foi lançado um aplicativo¹⁵ que objetiva mapear casos de assédio sexual pelo país, em que as pessoas registram, em um mapa, o local em que sofreram algum abuso. Nesse caso, o capital social é observado na ação colaborativa dos membros que contribuem para o registro de assédios no *app*, satisfazendo os interesses da coletividade e criando laços de confiança e colaboração mútuos. Da mesma forma, muitos outros aplicativos destinados

¹⁵ Aplicativo *Sai pra lá*, disponível para iOS e Android.

à partilha de informações a respeito de lugares poderiam ser mencionados como redes de reciprocidade no auxílio sobre locais.

A qualidade móvel da rede e dos usuários proporciona, também, que os atores identifiquem outras pessoas que estejam no mesmo local ou nas redondezas e, assim, iniciem interações com esses novos contatos. Dessa forma, as primeiras trocas podem evoluir para uma relação estável, que proporcione capital social para que os indivíduos envolvidos atinjam seus interesses particulares e coletivos.

Entende-se que a mobilidade também confere um caráter volátil ao capital social. Isto é, este capital está sujeito ao contexto das relações sociais que o originam, as quais se alteram conforme a localização, período e plataforma em que se desenvolvem. Assim como as pessoas assumem diferentes posturas de acordo com a rede social em que se manifestam, o capital social gerado nessas relações também é particular a cada um desses tipos de interação. Além disso, muitas vezes, o capital social associado a redes móveis é limitado a interações pontuais, subordinadas a recortes específicos de tempo e espaço, e deixa de existir quando cessam essas relações.

Por fim, sendo a mobilidade relacionada à conexão *always on*, compreende-se que o uso de dispositivos móveis e o acesso às redes sociais sejam intensificados. Logo, um decorrente aumento na frequência de interação com outros atores pode estreitar relações já estabelecidas. O crescimento da confiança e reciprocidade entre os membros daquela rede implica, assim, no aumento do seu capital social.

Considerações finais

O telefone celular foi facilmente incorporado pela sociedade como artefato pessoal indispensável (SANTAELLA, 2007), suscitando novas formações sociais e rituais de interação social. Além disso, o atual arranjo das cidades como ambientes de conexão generalizada e de mobilidade no acesso à informação permite estar conectado em espaços públicos, a qualquer tempo, junto a outras pessoas. A condição de estar sempre conectado e sempre disponível, decorrente do surgimento dos *smartphone* e tablets, e a nova interface desses aparelhos, provocaram significativas mudanças no acesso à internet móvel, especialmente em se tratando da navegação através de aplicativos.

Em 2016, o celular ultrapassou o computador e é atualmente o principal meio de acesso à internet no Brasil pela primeira vez¹⁶. Dos vinte aplicativos mais utilizados no país, a maioria é de redes sociais ou comunicadores¹⁷. As dimensões dos *apps* os tornam adequados ao uso no dispositivo móvel: o fato de corresponderem ao tamanho das pontas dos dedos facilita a manipulação dos *softwares* e do próprio *smartphone*. Além disso, a ausência de intermediários – como os *mouses* e teclados comuns aos PCs – para o acesso à rede proporciona uma sensação de proximidade imediata e de conexão ao dispositivo que aparelhos de entrada externa, a exemplo dos supracitados, tornam impossível de alcançar (LING; SVANÆS, 2011).

Logo, desenvolveram-se aplicativos de rede social que se utilizam das funcionalidades características aos dispositivos móveis, de forma que seu uso só faz sentido no contexto da mobilidade. Diante disso, faz-se necessário observar as particularidades dessas redes que, em razão da portabilidade dos meios de acesso e da conexão generalizada em espaços físicos, possuem aspectos relacionais específicos e distintos em relação às redes sociais na internet que já dependeram, sobretudo, da conexão fixa através de cabos, *modems* e *desktops*.

Nesse sentido, o capital social das redes sociais na era da mobilidade está fundamentalmente relacionado ao período e local em que se desenvolvem as interações entre os atores. Como bem comenta Lemos (2009), a convergência entre o espaço físico e o ciberespaço não implica na desvalorização ou perda de sentido dos lugares, pois “os lugares importam, e muito. [...] Toda comunicação será balizada por presenças em jogos territoriais” (LEMOS, 2009, p. 32). Faz-se necessário reconhecer a nova configuração dos locais, da comunicação e das relações sociais e, ainda, o rearranjo temporal proveniente desses espaços diferenciados.

Embora cada rede social compartilhe formas particulares de capital social, de modo geral, se observa nas redes sociais móveis a oportunidade de estabelecer relações de colaboração e confiança a partir da troca de informações sobre locais específicos, entre atores em trânsito que possivelmente estarão interagindo apenas naquele determinado momento.

¹⁶ De acordo com o Instituto Brasileiro de Economia e Geografia (IBGE), que promoveu a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), com base em dados de 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/04/celular-passa-ser-o-principal-meio-de-acesso-internet-no-brasil.html>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

¹⁷ Dado de 2015. Disponível em: <<http://www.nielsen.com/br/pt/press-room/2015/68-milhoes-usam-a-internet-pelo-smartphone-no-Brasil.html>>. Acesso em: 04 jan. 2016.

Por outro lado, as trocas entre atores desconhecidos em mobilidade podem se transformar em relações próximas e estáveis, gerando um capital social sólido entre os interagentes. Nesse caso, o caráter volátil e pontual do capital social característico às redes móveis evolui para a formação de laços consistentes de confiabilidade e reciprocidade, em que o engajamento entre os envolvidos é constante e duradouro.

Referências bibliográficas

BAXTER-REYNOLDS, Matt. **Death of the PC: the authoritative guide to the decline of the PC and the rise of post-PC devices.** The Plataform, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **The Forms of Capital.** Originalmente publicado em “Ökonomisches Kapital, kulturelles Kapital, soziales Kapital” in *Soziale Ungleichheiten (Soziale Welt, Sonderheft 2)*. (p. 248-257) Tradução de Richard Nice. Disponível em: <<https://www.marxists.org/reference/subject/philosophy/works/fr/bourdieu-forms-capital.htm>>. Acesso em 01 mai. 2016.

COLEMAN, James. Social Capital in the Creation of Human Capital. *American Journal of Sociology*, n. 94, p. 95-120, 1988. Disponível em: <<http://courseweb.ischool.illinois.edu/~katewill/china/readings/coleman%201988%20social%20capital.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2016.

LEMONS, André. Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Matrizes**, Salvador, n. 1, p. 121-137, out. 2007. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/Media1AndreLemos.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

_____. Cibercultura e mobilidade. A era da conexão. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005.

_____. Cultura da mobilidade. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 1, n. 40, p. 28-35, dez. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6314/4589>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

LING, Richard. **New tech, new ties.** How mobile communication is reshaping social cohesion. Cambridge: The MIT Press, 2008.

LING, Richard; SVANÆS, Dag. Browsers vs. apps: the role of apps in the mobile internet. In: **Internet and society: challenges, transformation and development.** Pequim: Universidade de Pequim, 2011. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/259254563_Browsers_vs_apps_The_role_of_apps_in_the_mobile_internet>. Acesso em: 16 abr. 2016.

PELLANDA, Eduardo Campos. **Internet móvel: novas relações na cibercultura derivadas da mobilidade na comunicação.** 2005. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PUTNAM, Robert. **Bowling alone: the collapse and revival of american community.** Nova York: Simon e Schuster, 2000.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RHEINGOLD, Howard. **Smart mobs: the next social revolution.** New Caledonia: Basic Books, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007.

SOUSA E SILVA, Adriana. From cyber to hybrid: mobile technologies as interfaces of hybrid spaces. **Space and culture**, v. 9, n.3, p. 261-278, aug. 2006. Disponível em: <<http://sac.sagepub.com/content/9/3/261.refs>>. Acesso em: 15 abr. 2016.